EMPODERAMENTO FEMININO NA GUINÉ-BISSAU: UMA ANÁLISE SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO NO TRABALHO DOMÉSTICO E NO CASAMENTO EM BISSAU¹

Vilma Nunes Correia²

RESUMO

O presente artigo procura analisar o empoderamento feminino a partir da relação de gênero na divisão sexual de trabalho e no processo de casamento em Bissau. O interesse em explorar esse conceito surgiu a partir dos discursos e debates observados nas redes sociais sobre o empoderamento feminino. Nos últimos anos, essa temática tem ganhado destaque em diversas esferas sociais em Bissau, especialmente entre os jovens. Este trabalho segue com a pesquisa qualitativa, com entrevistas estruturadas e coleta dos dados que permitem analisar o empoderamento feminino sob a perspectiva de algumas meninas guineenses. Aplicamos questionários com quatro meninas em Bissau e cinco meninas guineenses recém-chegadas ao Brasil para cursar graduação na Unilab, com faixa etária variada entre 20 e 28 anos. No trabalho, foi concluído que existe uma diferença nas compreensões do casamento entre as nossas entrevistadas no Brasil e em Bissau. Para as entrevistadas que residem no Brasil, o casamento não é visto como uma obrigação; as mulheres não precisam casar-se para se sentirem realizadas. No entanto, para algumas entrevistadas que residem em Bissau, o casamento é considerado uma obrigação. Em relação às tarefas domésticas, as entrevistadas no Brasil acreditam que tanto homens quanto mulheres devem dividir essas tarefas igualmente, enquanto as entrevistadas em Bissau consideram que as mulheres são as únicas responsáveis pelas tarefas domésticas.

Palavras-chaves: empoderamento feminino; casamento; trabalho doméstico.

ABSTRACT

This article analyzes female empowerment based on gender relations in the sexual division of labor and the marriage process in Bissau. The interest in exploring this concept arose from the discourses and debates observed on social media about female empowerment. In recent years, this topic has gained prominence in various social spheres in Bissau, especially among young people. This work continues with qualitative research, with interviews and data collection that allow us to analyze female empowerment from the perspective of some Bissau-Guinean girls. We applied questionnaires to four girls in Bissau and five Guinean girls who had recently arrived in Brazil to study for their undergraduate degree at Unilab. The ages range from 20 to 28 years old. The study concluded that there is a difference in the understanding of marriage between our interviewees in Brazil and Bissau. For the interviewees who live in Brazil, marriage is not seen as an obligation; women do not need to get married to feel fulfilled. However, for some interviewees living in Bissau, marriage is considered an obligation. Regarding household chores, interviewees in Brazil believe that both men and women should share these tasks equally, while interviewees in Bissau consider that women are solely responsible for household chores.

Keywords: female empowerment; marriage; domestic work.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Juliana Dourado Bueno.

² Graduanda na Licenciatura em Ciências Sociais e em Sociologia pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar o empoderamento feminino a partir da relação de gênero na divisão sexual de trabalho e no processo de casamento em Bissau. O interesse em explorar esse conceito surgiu a partir dos discursos e debates observados nas redes sociais sobre o empoderamento feminino. Nos últimos anos, essa temática tem ganhado destaque em diversas esferas sociais em Bissau, especialmente entre os jovens. No entanto, percebe-se que muitas pessoas ainda encontram dificuldades para abordar esse termo de maneira precisa e aprofundada. Como uma jovem guineense, acredito que este estudo oferecerá uma compreensão mais ampla e detalhada sobre o empoderamento feminino, contribuindo para que as meninas guineenses possam entender plenamente o que significa ser uma pessoa empoderada.

Falar do empoderamento feminino na Guiné-Bissau é de extrema importância, especialmente para a juventude. Em uma sociedade patriarcal como a nossa, é fundamental abrir mais espaços para conscientizar e sensibilizar as meninas sobre o empoderamento. A discussão sobre igualdade de gênero e o direito à liberdade tornou-se essencial na sociedade contemporânea. O empoderamento feminino emergiu como uma forma de fortalecer as mulheres, para que se tornem responsáveis por seus próprios destinos e vidas, sem depender de outra pessoa para tomar decisões sobre suas trajetórias. Embora as mulheres desempenhem papéis centrais em grande parte das culturas africanas, ainda são, muitas vezes, subalternizadas (Yusuf, 2003).

Na sociedade guineense, essa realidade não é diferente. As mulheres enfrentam condições de trabalho precárias, especialmente no setor informal, tanto nas cidades quanto nas zonas rurais. Além disso, muitas são oprimidas pelos maridos, independentemente de sua condição social. Mesmo que uma mulher seja intelectualmente capacitada e acima da média, a sociedade ainda dúvida da sua capacidade de ocupar posições de destaque no Estado ou de liderar organizações de renome.

Como resultado, as mulheres crescem com a mentalidade limitada de achar que não são capazes de desempenhar um papel importante na sociedade, exceto cuidar do lar, pois é para isso que são preparadas. Hopffer (2021) na Guiné-Bissau, observa que, em famílias com um menino e uma menina, eles são educados de maneiras diferentes: a menina é responsável por tarefas domésticas e por aprender a cuidar da casa, enquanto o menino é incentivado a estudar para, no futuro, ser o chefe da família. Essa distinção, no núcleo familiar promove a superioridade masculina e reforça a cultura conservadora e patriarcal da sociedade.

Infelizmente, esses comportamentos contribuem para limitar as meninas, levando-as a acreditar que não podem ser independentes sem depender de terceiros. Diante disso, buscamos entender como as meninas guineenses compreendem e interpretam o empoderamento baseado no trabalho doméstico e no processo de casamento em Bissau? O artigo está estruturado de seguinte forma, em primeiro momento fizemos introdução, para introduzir a nosso tema, e no segundo falamos sobre relação de gênero empoderamento feminina na luta contra patriarcado e no terceiro momento serão apresentados empoderamento feminino no contexto guineense, já no quarto momento trouxemos caminhos trilhado para alcançar o resultado da pesquisa e na última apresentamos resultado de nossas entrevistas.

2 RELAÇÃO DE GÊNERO: EMPODERAMENTO FEMININO NA LUTA CONTRA A CULTURA PATRIARCAL

O gênero nos condiciona a ser o que outras pessoas querem que nós somos não o que nós queremos ser porque, esse é o comportamento que a sociedade sempre coloca o lugar das meninas diferentes dos meninos, Adichie (2015, p.41) mostra a insatisfação ao dizer que “o problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos.” Se não existia essa opressão seríamos mais felizes e livres de sermos quem somos, ou seja, quem quisermos ser se não tivemos essa questão de gênero de achar que a pessoa tem que ser assim porque o gênero dela é condicionado para comportar desse jeito. Sabemos que o gênero é uma construção social que foi criado através de pensamento das pessoas na sociedade sobre o que ser homem ou mulher.

Na concepção do Carvalho & Tubento (2021, p. 317) discordam e criticam as pesquisadoras feministas ocidentais no que diz respeito ao modelo padrão do uso de gênero que desfavorece as mulheres negras e africanas, onde este modelo é utilizado para compreensão da subordinação e opressão das mulheres, “ou seja, assumem a categoria mulher como universal, negando assim que o próprio ‘gênero’ é uma construção sociocultural, e que não pode considerar essa categoria válida para todas as sociedades”. Isso mostra como a pauta das feministas branca excluem as mulheres negras e africanas ao padronizar a opressão e de ver a mulher como provador do lar, ou seja, que o sinônimo da mulher é associado a maternidade.

A socióloga Oyéwumí (2002, p. 2), demonstra que “gênero é antes de tudo uma construção sociocultural” isso quer dizer que o gênero depende da cultura de cada indivíduo,

ou seja, se encontra dependendo da sociedade onde a pessoa está inserido. Por outro lado, “a realidade dos gêneros é performática, o que significa dizer que ela só é real enquanto estiver sendo performada” (Butler, 2019, p. 234). Por esta razão, a questão de gênero limita muitas das vezes uma parte na sociedade no caso a mulher que sempre sai com desvantagem em relação ao homem, porque de certa forma a dominação dos homens como estatuto da relação de gênero leva a posição da mulher no lugar de subordinação.

No caso da Guiné-Bissau, a questão de gênero onde tanto os meninos assim como as meninas são ensinados a ter comportamento diferente com base no seu gênero biológica as meninas são educadas para ser mais frágil e tiveram o comportamento limitada e os meninos são ensinado para serem fortes e não mostrar suas emoções, e também ser chefe de família porque futuramente ele vai tomar conta da sua família, no caso da menina ela foi ensinada de forma diferente, ela tem que aprender tarefas domesticas, cuidar de casa e obedecer o seu marido, a desigualdade começa desde educação familiar de diferenciar o papel desempenhado entre homem e mulher, esse comportamento de diferenciar a tarefa dos homens e das mulheres reflete na desigualdade na sociedade onde a mulher ocupa lugar mais baixo e de menos prestígio na sociedade (Martins, 2022).

De acordo com Santos *et al.* (2023), o empoderamento feminino vem ganhando a discussão na sociedade atual através do movimento feminista com influência coletiva das mulheres que lutam para conscientizar o direito das mulheres diante dos seus interesses na sociedade. Com isso, Cruz (2018) mostra que o surgimento do conceito de empoderamento é um processo de fortalecimento individual e coletivo, especialmente de grupos historicamente marginalizados, para poderem ter voz, autonomia e participação ativa na sociedade. Isso envolve o acesso a recursos, o desenvolvimento de habilidades e a conscientização sobre questões sociais e políticas que impactam suas vidas. O empoderamento busca eliminar desigualdades e promover a inclusão, contribuindo para uma sociedade mais justa e equitativa. O autor ainda acrescenta que,

O termo empoderamento (empowerment) originou se nos Estados Unidos durante os movimentos de direitos civis dos anos de 1960, generalizando-se em vários aspectos, em nível internacional, nacional e comunitário. No início foi liderado por mulheres feministas no campo do desenvolvimento e dos movimentos sociais das mulheres, em meados dos anos de 1970, e logo se ampliou aos estudos sobre comunidades; o termo passou também a nomear a cooperação para o desenvolvimento em agências como o Banco Mundial e chegou a ser parte das Metas do Milênio estabelecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2000, com o apoio de 191 nações, que ficaram conhecidas como Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) (Cruz, 2018, p. 103).

A história demonstra que as mulheres têm sido subalternizadas e oprimidas na sociedade. Um dos principais objetivos do surgimento do movimento feminista é promover a igualdade de gênero, o direito à liberdade, o acesso à educação, o bem-estar e a autonomia das mulheres. Em sociedades patriarcais, como muitas sociedades africanas, o debate sobre gênero muitas vezes se baseia na limitação e discriminação dos direitos das mulheres, restringindo sua liberdade e oportunidades.

Considerando esses aspectos, Azevedo e Sousa (2019) definem o empoderamento feminino como uma forma de ação coletiva destinada a fortalecer as mulheres e promover a equidade de gênero na sociedade, onde muitas vezes elas são invisibilizadas e subordinadas a uma categoria de subalternização. As autoras enfatizam que a independência feminina é crucial para a libertação das mulheres. Uma mulher que é autossuficiente, que busca uma posição na sociedade, e que conquista seus próprios recursos, tem a liberdade de ser mãe, dona de casa, ou empresária. No entanto, mesmo com essas conquistas, ela continua a enfrentar a pressão e a cobrança da sociedade.

Para alcançar o empoderamento, a mulher deve enfrentar diversos desafios que comprovam sua capacidade de disputar e ocupar espaços de destaque na sociedade. Além dos preconceitos enfrentados por ser mulher, há também a expectativa de que a maternidade seja sua principal função, o que limita a percepção da importância da mulher além desse papel. Mesmo com todas as lutas das mulheres, esses estereótipos redutivos ainda persistem nas sociedades atuais. As limitações impostas ao imaginário da sociedade sobre a capacidade intelectual feminina são reforçadas pela tradição da cultura patriarcal.

Por outro lado, Azevedo e Sousa (2019) defendem que o movimento feminista é uma corrente social, política e econômica com o objetivo de promover os direitos das mulheres e construir uma sociedade mais igualitária, onde elas sejam vistas como capazes de desempenhar qualquer função. O movimento busca acabar com as opressões enfrentadas pelas mulheres e promover a equidade entre os gêneros na sociedade, importante destacar que esse “movimento teve início no século XIX, impulsionado pela Revolução Francesa”, desde então, as mulheres começaram a reconhecer as submissões e passaram a questionar sua posição na sociedade, lutando pela igualdade de gênero e pela redução das desigualdades de direitos (Azevedo; Sousa, 2019).

De acordo com Sardenberg (2006), a perspectiva das mulheres feministas sobre o empoderamento explica que ele é uma forma de libertação da opressão, essa libertação permite que as mulheres conquistem sua própria autonomia ao enfrentar a ideologia imposta pela

sociedade. A antropóloga enfatiza que o principal objetivo do empoderamento feminino é “questionar, desestabilizar e, eventualmente, acabar com a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero”. No entanto, o desafio de confrontar o sistema opressor e a ideologia que limita o direito de escolha das mulheres frequentemente resulta em sua subalternização, restringindo-as ao papel de cuidadoras do lar e responsáveis por atividades domésticas.

As mulheres têm problematizado seus papéis nas sociedades ao enfrentar os desafios impostos pela cultura patriarcal. Além de serem competentes no cuidado do lar, as mulheres também possuem a capacidade de trabalhar fora do ambiente doméstico e serem profissionais bem-sucedidas, apesar da discriminação por parte dos homens que tentam limitar suas capacidades. No entanto o empoderamento feminino vem mostrar a força e a determinação da mulher na luta pela emancipação e a igualdade de gênero.

3 EMPODERAMENTO FEMININO NO CONTEXTO GUINEENSE

O debate sobre empoderamento na Guiné-Bissau está em alta entre os jovens, especialmente nas redes sociais. Porém a falta de orientação e discussão científica faz com que a maioria das meninas não tenha autonomia e não lute pela equidade de gênero, como sugerido na perspectiva africana do conceito. As meninas guineenses têm poucas referências e raramente ocupam posições de destaque ou liderança, devido às limitações que começam no ambiente familiar e se estendem à sociedade, perpetuando a opressão. De acordo com a Carta de Princípios para Feministas Africanas (2006, p. 7), as feministas defendem o direito das mulheres de viverem livres da cultura patriarcal e da discriminação, garantindo a liberdade de escolha e autonomia em questões de integridade física, incluindo direitos reprodutivos, aborto, identidade e orientação sexual.

Vale ressaltar que, a Constituição da República da Guiné-Bissau, no seu artigo 24º e 25º, mostram que os homens e as mulheres tem mesmo direito perante a lei, em todos os setores da sociedade, tanto na política, economia, social e cultural, mas, se vejamos bem essa ideia não é a realidade, porque as mulheres são limitadas de exercer os seus direitos como pessoa e cidadã do país, ou seja, os direitos delas são negadas pela sociedade reproduzindo a cultura patriarcal favorecendo os homens do que as mulheres e esse privilégio é de vários séculos.

As opressões sociais impostas pela sociedade resultaram na limitada participação das mulheres tanto na política quanto em sua vida social. É importante destacar que, desde o início,

as mulheres estiveram ao lado dos homens na luta pela libertação nacional. No entanto, seus direitos e reconhecimento têm sido sistematicamente invisibilizados, refletindo-se na exclusão dessas mulheres da narrativa oficial da história da libertação nacional.

Segundo Gomes (2016, p. 127), Amílcar Cabral defendia a emancipação feminina durante a luta pela libertação nacional, para que as mulheres pudessem ter suas vozes ouvidas tanto no partido quanto na sociedade em geral, ele abordava questões como os “casamentos forçados e enfatizava a importância de educar as meninas para que se tornassem autônomas e capazes de fazer suas próprias escolhas, tanto no trabalho quanto na vida privada”. No entanto, apesar dos esforços e incentivos de Amílcar Cabral, as mulheres ainda enfrentam grandes dificuldades de acesso e permanência nas instituições de ensino básico e de formação superior.

Devido à educação que muitas mulheres recebem, maiorias que alcançam as suas autonomias ainda carregam a ideia de que precisam de um marido para se sentirem completas. A sociedade impõe o padrão de que uma mulher só é respeitada se for casada, cumprindo normas estabelecidas por convenções sociais. Nesse contexto, as jovens acabam reproduzindo a dependência dos homens para sustentar os seus padrões de vida, submetendo-se a várias práticas para seu próprio benefício, muitas vezes por falta de informação ou sensibilização sobre o que significa ser uma mulher empoderada.

Diante do exposto, Martins (2022, p. 7) critica a sociedade guineense no que se refere a posição das mulheres, por serem vistas como incapazes de ocupar ou estar na frente para liderar uma determinada instituição “por mais que uma mulher seja formada e demonstra a sua capacidade para assumir um determinado cargo, o sistema não lhe permite assumir esse lugar”, porque o sinônimo de ser uma mulher é associado a fragilidade. Esse fator as coloca em completa dependência e restrição na sociedade. A crença na superioridade masculina, que considera as mulheres incapazes de ocupar posições de destaque, reforça a ideia de que esses lugares pertencem aos homens. A desigualdade de gênero é uma realidade alarmante em nossas sociedades. com isso Moreira (2017, p. 73) enfatiza “as ideias, discursos e práticas de masculinidade e feminilidade têm servido como estratégias de poder para a existência, permanência e reprodução da dominação masculina ao longo do tempo.” Por outro lado, Cruz (2018) destaca que a tradição de superioridade masculina na nossa sociedade define o homem como provedor da família, responsável por trabalhar fora e sustentar o lar, enquanto a mulher cuida dos filhos e dos serviços domésticos. Essa visão impacta a busca por empregos e a inserção das mulheres no mercado de trabalho, onde elas frequentemente se limitam a trabalhos informais ou não remunerados em condições precárias. Enquanto os homens predominam no

aparelho estatal, as mulheres se concentram em atividades como vendas no mercado e serviços de limpeza. Assim, vale a pena observar as considerações de Cruz (2018)

A discriminação contra meninas e mulheres ainda é generalizada na maioria das sociedades, tanto na educação quanto em temas gerais. Ao longo dos anos, as matrículas de meninas e mulheres nos diversos níveis da educação vêm crescendo mais rapidamente do que a de meninos. A educação confere às meninas conhecimentos sobre como influenciar a natureza e os rumos da sociedade e, quando adultas, incentivando-as a se engajar na vida pública, além de reforçar a cidadania. A desigualdade educacional é uma das grandes infrações dos direitos das mulheres e meninas e também uma barreira importante ao desenvolvimento social e econômico. (Cruz, 2018, p. 112)

Essa discriminação de gênero impede o progresso e a emancipação das meninas, resultando em um impacto negativo no seu desempenho escolar e na diminuição das suas habilidades, “poucas meninas são encorajadas a concorrerem para postos de responsáveis de turma e muitas delas com potencial não são reconhecidas pelos pais, que desempenham um papel chave no apoio à criança e no seu desenvolvimento escolar” (Fala de Mindjeris, 2018, p. 45).

Um exemplo semelhante ao relato de Adichie ocorre quando, na escola, a professora anuncia que o aluno com a maior nota será o monitor da turma. Embora ela tenha obtido a nota mais alta, o menino, que ficou em segundo lugar, é escolhido como monitor. Isso ocorre porque, tradicionalmente, apenas os meninos são considerados adequados para cargos de liderança. Esse padrão reflete a baixa participação das meninas em posições de destaque, pois desde cedo não recebem incentivos e motivação, e são constantemente informadas, até pelos pais, de que certos papéis não são para mulheres.

Um exemplo concreto da sociedade guineense é quando uma menina aprende a cozinhar, e as pessoas costumam dizer que ela está se preparando para o casamento. Na visão dessas pessoas, a mulher serve apenas para cuidar da casa e ser uma boa esposa para o marido. Essas atitudes acabam reproduzindo a desigualdade na sociedade. “Comumente costumamos ouvir que uma mulher pode ser influente e ter formação, mas ela tem que saber cozinhar porque um dia o marido vai querer comer o que ela cozinhar” (Fala de Mindjeris, 2018, p. 47). Falas como essas reforçam o estereótipo de que a mulher é obrigada a aprender a cozinhar, enquanto o homem não é obrigado.

De acordo com a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em seu livro *Para Educar Crianças Feministas* (2017), ela critica a ideia de que a mulher deve ser preparada para realizar trabalho doméstico simplesmente por ser menina, ou seja, que deve aprender a cozinhar

para ser uma boa esposa. Para Adichie, essa é uma ideia totalmente abusiva e opressora. A autora afirma:

também temos que questionar a ideia do casamento como um prêmio para as mulheres, pois é o que está na base desses debates absurdos. Se paramos de condicionar as mulheres a verem o casamento dessa forma, não precisaremos discutir tanto se uma esposa precisa de cozinhar para ganhar esse prêmio (Adichie, 2017, p. 22-23).

Oyèwùmí (2004), reforça essa ideia de que nem toda mulher quer se casar, por isso, a sociedade tem que parar de condicionar, ou seja, cobrar uma mulher para se casar ou ter filho como condição para ser considerada uma mulher completa no olho da sociedade. A socióloga mostra que,

A dificuldade da aplicação de conceitos feministas para expressar e analisar as realidades africanas é o desafio central dos estudos de gênero africanos. O fato de que as categorias de gênero ocidentais são apresentadas como inerentes à natureza (dos corpos), e operam numa dualidade dicotômica, binariamente oposta entre masculino/feminino, homem/mulher, em que o macho é presumido como superior e, portanto, categoria definidora, é particularmente alienígena a muitas culturas africanas (Oyèwùmí, 2004, p. 8).

As mães ou encarregados de educação costumam dizer às meninas que, ao chegarem a certa idade, é hora de encontrar um marido e se casar. Adichie (2015) discorda dessa postura de incentivar, ou até mesmo obrigar, as mulheres a se casarem apenas por terem atingido determinada idade. A autora sugere que, em vez de pressionar as meninas a buscarem o casamento, por que não as incentivar a procurarem um emprego ou uma carreira. Os pais devem ensinar as suas filhas a valorizar conquistas que as tornem independentes, e não a verem o casamento como uma obrigação ou o único caminho para o sucesso. As meninas precisam aprender a ser autossuficientes e não depender exclusivamente de um marido para garantir seu futuro.

A autora enfatiza que o casamento não deve ser visto como a realização de um sonho para as mulheres, ao contrário do que muitos acreditam, sugerindo que uma mulher precisa se casar para se sentir completa. As mães costumam pressionar as meninas a se casarem, mas essa mesma expectativa não é imposta aos meninos. Esse desequilíbrio, em que as meninas são preparadas para o casamento enquanto os meninos crescem para se tornarem homens independentes, reforça a ideia de que a mulher deve se sacrificar e dedicar sua vida ao marido, perpetuando a desigualdade nas relações entre homens e mulheres.

É importante destacar o movimento existente na sociedade africana que busca dar visibilidade aos direitos das mulheres, com ênfase no feminismo africano. Sabemos que esse conceito tem sido amplamente discutido no cenário africano, embora muitos acreditem que o feminismo seja uma importação do Ocidente, ou seja, uma imitação da cultura ocidental. Segundo Telo (2017), desde o início do movimento das mulheres africanas, 'as feministas africanas foram frequentemente vistas como "desleais" e "inautênticas" por defenderem a bandeira do feminismo'. Elas são consideradas por muitos como pessoas que não cumprem com os valores e princípios da cultura africana, sendo acusadas de sofrer uma 'colonização mental' devido às suas posições em prol da igualdade de gênero na sociedade africana.

Por sua vez, Bamisile (2013) refuta a teoria de que o feminismo africano é influenciado pelo feminismo ocidental, argumentando que as mulheres africanas têm suas próprias formas de resistência e força, manifestadas na maneira como organizam e estruturam suas famílias, muitas vezes com base em linhagens matrilineares. Isso é um exemplo claro do poder das mulheres africanas. E nesta perspectiva, “o feminismo não pode ser encarado como algo que é importado” Bamisile (2013, p. 265). Mesmo quando as mulheres africanas se identificam como feministas, isso não significa que estão negando suas identidades culturais, mas sim que estão lutando por uma equidade.

Como afirma Dove (1998), o papel da maternidade envolve a responsabilidade de criar os filhos, cuidar dos outros e assumir diversas tarefas domésticas. No entanto, na sociedade patriarcal, esse valor não é reconhecido com a mesma importância que tem em sociedades matriarcais. Isso revela como o sistema patriarcal desvaloriza o esforço e o desempenho das mulheres, ao não considerar esse trabalho como legítimo ou digno de reconhecimento.

É importante salientar que as pautas das feministas brancas ocidentais são geralmente voltadas para mulheres de classe média. Por essa razão, muitas vezes elas acabam aceitando ou impondo suas próprias experiências como resposta às opressões enfrentadas pelas feministas africanas, considerando essas experiências como um padrão universal para todas as mulheres. Nesse contexto, socióloga Oyèwùmí (2004, p. 5) explica a visão do feminismo branco, que retrata a mulher como esposa em um sistema patriarcal, sempre confinada ao espaço doméstico e subordinada ao marido “Em grande parte da teoria feminista branca, a sociedade é representada como uma família nuclear, composta por um casal e suas/seus filhas/os. Não há lugar para outros adultos. Para as mulheres, nesta configuração, a identidade esposa é totalmente uma definição.”

O texto destaca que, mesmo dentro do movimento feminista, há diferenças de classe que influenciam a luta das mulheres. Lorde (2009) aponta que mulheres brancas frequentemente menosprezam os esforços das mulheres negras, como a poesia, vista como uma forma de arte menos rigorosa por ser mais acessível, no entanto, a poesia tem grande importância para a expressão dos negros, além disso, há a invisibilização das autoras negras nas literaturas, cujas obras são excluídas das academias e escolas, enquanto as produções de mulheres brancas recebem mais destaque. Isso evidencia as diferenças de raça e classe entre as mulheres, que não podem ser ignoradas.

Collins (2017, p. 7) enfatiza a ideia de que negros e brancos não podem atuar nos mesmos espaços sociais, pois os brancos tendem a querer manter sua posição de superioridade, continuando a inferiorizar a capacidade dos negros,

como a filosofia nacionalista negra postula que as pessoas brancas enquanto um grupo tem interesse em continuar com o sistema de supremacia branca, normalmente vê pouca utilidade na integração dos negros ou da sua assimilação num sistema baseado na subjugação dos negros (Collins, 2017, p. 7).

É por isso que o termo mulherismo oferece a possibilidade de promover a cultura inter-racial entre as mulheres. Por essa razão, o mulherismo surge como uma teoria que se contrapõe ao feminismo, pois prioriza a preservação da cultura dos mais velhos que precisa ser passado de geração a geração e de reconhecimento do matriarcado. O mulherismo africano busca destacar o papel das mulheres-mães africanas como líderes na luta para recuperar, reconstruir e promover uma integridade cultural, fundamentada nos princípios Matico de reciprocidade, equilíbrio, harmonia, justiça, verdade e ordem. Nesse contexto, as mulheres africanas continuam a lutar contra as injustiças que enfrentam na sociedade. Diferente do feminismo, o mulherismo é mais voltado para a preservação dos valores culturais (Dove, 1998, p. 21).

Por outro lado, o mulherismo africano surgiu como uma forma de as mulheres africanas e negras criarem seus próprios conceitos, alinhados com suas realidades, rompendo com as lutas baseadas em interesses eurocêntricos, esse conceito também propõe o matriarcado como uma possibilidade de colocar a mulher negra em posições de liderança, lutando para resgatar e fortalecer a identidade cultural do povo negro (Maia, 2023).

No caso da Guiné-Bissau, a maioria das mulheres desempenha papéis relacionados ao feminismo de várias formas, mas ainda não há um debate intenso que promova uma consciência geral feminista. Nesse contexto, Figueiredo e Gomes (2016, p. 916) observam que, embora as mulheres guineenses pratiquem o feminismo, a discussão sobre o tema ainda é limitada,

“primeiramente através dos movimentos sociais de luta pelos direitos femininos, empreendedorismo e das lutas pela participação política –, elas não vislumbram um debate interno, no sentido de uma consciência feminista” Desta forma, as mulheres guineenses praticam o feminismo, embora muitas vezes sem consciência explícita desse papel. Em contraste, as meninas podem não estar engajadas em atividades relacionadas ao empoderamento, o que reflete uma diferença significativa na conscientização e prática do feminismo.

A autora Adichie (2017) compartilha a experiência de sua bisavó, que, mesmo sem conhecer o conceito de feminismo, desempenhou um papel feminista ao resistir e reivindicar seu direito de fazer suas próprias escolhas, em vez de simplesmente seguir a vontade dos outros. Essa história ilustra como as mães guineenses muitas vezes praticam atos de feminismo, mesmo sem ter uma compreensão formal do conceito e da sua importância.

Historicamente, o movimento feminista na Guiné-Bissau teve suas origens na luta anticolonial e revolucionária contra o domínio colonial português. Durante esse período, as mulheres guineenses tiveram a oportunidade de desempenhar um papel significativo e ativo na resistência e na busca pela independência, “o discurso emancipatório oficial procurou promover a imagem das mulheres guineenses, mostrando a sua centralidade no processo de independência e na sociedade em geral” (Figueiredo & Gomes 2016, p. 920). Os principais objetivos do movimento feminista incluíam a busca por melhores condições sociais e econômicas para as mulheres, além de lutar contra práticas culturais patriarcais herdadas dos nossos ancestrais, como desigualdades de gênero e casamentos precoces na sociedade guineense.

4 SOBRE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, utilizando questionários como a principal ferramenta para coleta de dados. De acordo com Maia (2020), a pesquisa qualitativa se baseia na coleta de dados sem mensuração numérica, priorizando a descrição e observação. Ou seja, é um tipo de pesquisa que permite à pesquisadora ir além dos questionários formais, trazendo propostas mais amplas e subjetivas. Gil (2008) explica que a entrevista é uma técnica usada pelo entrevistador para alcançar seus resultados, ocorrendo de forma interativa, onde o entrevistador formula perguntas que são respondidas pelas entrevistadas, visando alcançar os objetivos da pesquisa. "A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais

especificamente, é um diálogo assimétrico, no qual uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação." Para a realização desta pesquisa, contou-se com a colaboradora minha irmã mais velha, Nádia. A entrevista foi realizada tanto em Bissau quanto no Brasil, com meninas guineenses recém-chegadas ao campus dos Malês³. O objetivo foi comparar as percepções sobre o empoderamento feminino entre os dois grupos, ou seja, das entrevistadas no Brasil e em Bissau. Vale lembrar que todas as famílias estão baseadas em Bissau. A entrevista foi conduzida em crioulo guineense para facilitar a compreensão das entrevistadas, visto que essa é a língua com a qual elas se sentem mais à vontade. Embora a língua oficial da Guiné-Bissau seja o português, ela não é usada cotidianamente pelas entrevistadas, motivo pelo qual optamos pelo crioulo guineense. A transcrição das entrevistas foi posteriormente traduzida para o português. Antes das entrevistas, realizamos um teste piloto com três meninas para verificar a adequação das perguntas e garantir a clareza necessária. A partir desse teste, concluímos que as respostas coletadas estavam diretamente relacionadas à compreensão individual sobre o empoderamento feminino.

Com isso pretende-se com esta pesquisa demonstrar alguns indicação para seguinte questionamento para além do que já foram expostos no artigo. Se elas dividem a casa com o homem, se sim quem é a principal responsável pelas tarefas domésticas? E se elas concordam com a frase: "Uma mulher só é completa depois de se casar"?

Ao todo, foram entrevistadas nove meninas de diferentes grupos étnicos, culturais e religiosos, com idades entre 20 e 28 anos. Quatro entrevistas foram realizadas em Bissau e cinco no Brasil, enquanto em Bissau três foram feitas por videochamada via WhatsApp e uma foi conduzida pela minha irmã. As entrevistas foram realizadas entre os meses de junho e agosto de 2024. É importante ressaltar que duas entrevistadas solicitaram que seus nomes não fossem divulgados; portanto, por questões éticas, garantimos o anonimato e colocamos os nomes fictícios para todas as participantes, as entrevistas foram sistematizadas e analisadas no tópico seguinte desse artigo como podemos ver no quadro abaixo sistematizamos algumas das informações referentes ao perfil das meninas entrevistadas.

³ A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira é uma instituição de ensino superior pública federal brasileira, com sede na cidade de ceara redenção e no recôncavo baiana campus de males localizado em são Francisco do conde, os cursos ministrados na UNILAB são preferencialmente em áreas de interesse mútuo entre o Brasil e dos demais países da CPLP.

Quadro1 - Perfil das entrevistadas

Nomes	Idade	Solteira/casada	Tem filhos	Local da entrevista	Grupo étnico	Religião	Estudos
Francisca	25	Solteira	Um filho	Brasil/casa da entrevistada	Balanta	Católica	Unilab; Letras da língua portuguesa
Eva	23	Solteira	Sem filho	Brasil/ casa da entrevistada	Pepel	Evangélico	Unilab; Relações Internacionais
Suaife	27	Solteira	Sem filho	Brasil/ casa da entrevistada	Mancanhi	Católica	Unilab; Humanidades
Genoveva	25	Solteira	Grávida	Brasil/ casa da entrevistada	Fula	Muçulmano	Unilab; Letras da língua portuguesa
Tania	20	Solteira	Sem filho	Brasil/ casa da entrevistada	Mandjaku	Católica	Unilab; Humanidades
Suzana	28	Solteira	Sem filho	Em Bissau, através da minha irmã	Pepel	Católica	Ensino médio completo
Juliaca	26	Solteira	Sem filho	Em Bissau, através de chamada de vídeo pelo WhatsApp	Mansonca	Católica	Ensino médio em andamento
Dionalda	24	Solteira	Sem filho	Em Bissau, através de chamada de vídeo pelo WhatsApp	Mandjaku	Católica	Ensino médio completo
Vanuza	21	Solteira	Sem filho	Em Bissau, através de chamada de vídeo pelo WhatsApp	Budjugu	Católica	Ensino médio completo

Fonte: elaboração própria da pesquisadora.

5 O EMPODERAMENTO FEMININO NO PONTO DE VISTA DAS ENTREVISTADAS

A partir das considerações das entrevistadas no que se refere o sonho de casamento de uma criança/adolescente, foi percebido no total de nove entrevistas somente uma que não tinha sonho de se casar a entrevistada Tania apontou.

Desde criança eu não sonhei em se casar, porque cresci na casa das Irmãs eu imaginava ser a Irmã, depois com o passado do tempo comecei a perceber que a minha vocação não era para ser Irmã no qual eu fazia parte do grupo vocacional para saber qual a sua vocação, então depois comecei a entender que a minha vocação não era para ser Irmã, é por isso que nunca imaginei em me casar como muitas pessoas costumam imaginar o casamento. (Tania, recém chagada no Brasil, 29.06.2024)

A partir do resultado das nossas entrevistas foi percebido que mesmo as entrevistadas tenham algumas visões diferentes em relação às respostas dos questionários, mas, nos mostra mesmo concordaram com as perguntas sempre tenham justificativas diferentes em relação ao casamento, com isso podemos observar a entrevistada Tania que começou a mudar a perspectiva em relação ao casamento, hoje ela sonha em se casar como as outras entrevistadas, têm o sonho de se casar para formar as suas famílias, podemos perceber que o casamento é uma coisa muito importante para as entrevistadas.

Porque a maioria das meninas africanas (guineense), fomos criadas para um dia ter o seu marido e formar a sua família, desde cedo uma menina é consciente de que ela é mulher tem que saber a fazer tarefas doméstica porque futuramente ela vai desempenhar este papel na sua casa. Nas falas das entrevistadas percebemos como é forte o poder da religião nas vidas dessas meninas, como ela influencia na educação das meninas guineenses, apesar de elas acharem que uma mulher não precisa casar com o homem para ela sentir-se completa, todas elas têm sonho de se casar para construir as suas famílias. Isso nos mostra como patriarcado domina as nossas culturas de olhar a mulher, ou seja, da mulher deve submeter uma prática para ser aceita na sociedade.

Com base nisso, fala de mindjeris (2018) abordam que desde cedo as mulheres são educadas e preparadas para casamento onde este é o primeiro passo que elas são orientadas dentro do seio familiar, para tornar-se uma boa esposa, a mulher precisa de submeter seu marido fazer as coisas que ele mandar, sem direito a discordar. As meninas guineenses crescem acreditando nesta cultura sem ter direito da liberdade de pensar e andar sozinhas capacidade de

fazer o que ela quiser, conquistar sua independência financeira e ser dona de si própria, lutar pela emancipação da liberdade feminina.

Ao serem questionadas sobre se atualmente elas sonham em se casar e quais são suas motivações a entrevistada Juliaca respondeu que,

Desde que comecei a namorar nenhum homem fez o que meu namorado me fez, sabe que as mulheres tenham medo de favor o meu namorado comprou para mim vários objetos, como por exemplo, Cama, dois anéis de ouro, ele comprou para minha mãe uma mala, e ele ajudou a reparar a nossa casa ele me comprou muitas coisas que hoje me motivou a casar com ele até aqui ele me mostrou muitas coisas boas decidi que eu quero me casar com ele. (Juliaca, entrevistada em Bissau. 30.07.2024).

Como as entrevistadas apontam mesmo motivos pelo qual elas querem se casar somente duas tenham os motivos diferentes podemos ver os motivos da entrevistada Eva

A minha motivação para me casar, é porque eu vejo que uma mulher precisa se casar você não pode ficar sem se casar, uma boa esposa tem que estar debaixo do seu marido porque na bíblia está escrito que uma mulher deve estar debaixo do seu marido para que ela possa estar bem, isso quer dizer que o homem é a cabeça de casa ele é responsável de família por isso que a mulher tem que estar debaixo do seu marido. (Eva recém chagada no Brasil. 26.06.2024)

As motivações apontadas pelas entrevistadas duas delas tenham motivação diferentes seis entrevistadas disseram que as motivações delas tem a ver com a família e uma falou queria casar porque se ela viu outra pessoa a casar fica imaginado com o casamento dela e outra porque o namorado dela costuma comprar tudo o que ela quiser e uma por causa da igreja porque uma mulher deveria se casar porque está escrito na Bíblia.

Isso nos fez refletir como a igreja influencia na nossa sociedade porque uma mulher é considerada respeitosa perante a igreja somente depois de se casar, e por outro lado como as nossas mães (família) conturbe para que suas filhas dependessem do homem para ajudar nas sustentabilidades da sua família, em que a escolha da religião é influenciada pelos pais e familiares, no entanto os jovens adolescentes evangélicos conseguem os seus pares neste ambiente e namoram com intuito de se casar para construir família (Gracia; Marciel, 2008).

Vale ressaltar que a igreja ensina para os seus fiéis que a mulher deve ser submissa ao seu marido, como aponta a entrevistada de que uma mulher precisa se casar e estar debaixo do marido para proteja-la contudo, a submissão da mulher é uma forma que a sociedade encontra para inferiorizar o esforço da mulher.

Nesta perspectiva, Azevedo e Sousa (2019, p.9) definem a prática de submissão como uma “característica historicamente construída, é destrutível para consciência feminina”, sem

esquecer do papel da igreja no que diz respeito ao lugar da mulher que é considerada a ser uma boa esposa no olho de Deus é preciso submeter seu marido satisfazendo a necessidades dele, a mulher deve obedecer o seu marido, não tem autonomia no seu próprio corpo, ela não tem poder de dizer não principalmente quando o marido quer ter relação sexual é totalmente opressivo o poder que a sociedade atribui o homem. A mulher não tem direito de demonstrar seus desejos por um homem ela é considerada oferecida, mas homem pode fazer isso com toda liberdade porque é direito dele não da mulher.

Em relação a entrevistada Juliaca, que alega que os motivos pelo qual ela quer se casar com o seu namorado é pôr causa de bens materiais, a fala como essa, mostra como muitas meninas tenham de submeter a um determinada pratica por causa da diferença oportunidade na sociedade onde a oportunidade recai somente para um lado, podemos ver na maior parte do casamento em Guiné-Bissau o homem que costuma responsabilizar das despesas de casa e a mulher fica responsável pelo trabalho doméstico.

Uma outra coisa mesmo que a mulher não está feliz no casamento ou relacionamento ela é obrigada a continuar porque não tem o que pode lhe manter fora do casamento. Vale salientar que, muitas vezes a família, principalmente a mãe contribui para permanência da filha no casamento tóxico, porque costumam dizer que “*mindjer ta sufri na porta di casamento*” (a mulher sofreu na porta do casamento) mesmo homem sendo desrespeitoso agressivo, porém o olhar da família a mulher tem que permanecer no casamento mesmo que ela passa por constrangimentos neste lugar.

Ao serem questionadas sobre quem deve fazer as tarefas de casa, somente a mulher, principalmente a mulher, Homem e a mulher, principalmente o homem, as entrevistadas Francisca, Suaíle, Genoveva, Tania, Vanuza, Eva e Suzana, afirmaram que tanto o homem como a mulher devem fazer a tarefa doméstica, de acordo com as entrevistadas Juliaca, e Dionalda, somente a mulher que deva fazer os trabalhos domésticos, como aponta Juliaca.

Essa tarefa é mais para mulher, mas por exemplo se você é casada as vezes as pessoas casa com homem que ajuda ele nas tarefas domésticas, e como também se o homem emigrar para outro país ele costuma fazer os trabalhos domésticos, mas essas tarefas são mais para mulher do que para homem. (Juliaca entrevistada em Bissau. 30.06.2024).

Podemos perceber nas falas das duas entrevistadas que os trabalhos domésticos são para as mulheres isso nos leva a refletir como fomos criadas dès da infância que a tarefa doméstica é para a menina fazer e o menino vão jogar a bola. Contudo, é importante trazer o papel da educação na vida destas meninas sabemos que as meninas não tem mesmo direito com os

meninos, os pais sempre incentivam e privilegiam as crianças masculinos para estudar e ter um bom desempenho escolar, enquanto que as meninas não tem mesma oportunidade por conta da ocupação nas atividades doméstica que elas tem que fazer antes de irem para escola, muitas das vezes, elas não conseguem terminar o ensino médio o desempenho delas tem a probabilidade de ser mais baixa em relação aos meninos, por outro lado, muitas meninas acabam desistindo do estudo por causa das dificuldades de assimilar as matérias, as vezes pela gravidez precoce ou casamento forçada por parte da família as vezes alegando a cultura, algumas vezes meninas são impedidas de estudarem obrigadas a irem o casamento, há muita diferença de oportunidade entre homem e mulher no que diz respeito a educação em Bissau (Hopffer, 2021).

Levantamos o questionamento sobre se elas são a favor do casamento entre as pessoas do mesmo sexo, as entrevistadas recém chegada no Brasil então na mesma linha da resposta as entrevistadas Tania, Francisca, Vanuza, Eva. Como afirma Eva “não sou a favor, mas quando eu cheguei aqui no Brasil deparei com a realidade totalmente diferente da minha, mas eu tenho que respeitar quem é a favor porque cada pessoa é livre de fazer a sua escolha” enquanto Genoveva, Suzana, Dionalda, Juliaca, e Suaíle, disseram que não são a favor como afirma Dionalda, “não sou a favor do casamento de pessoa do mesmo sexo, eu sou a favor do homem e a mulher”.

A partir das falas das entrevistadas podemos observar que as entrevistadas no Brasil não são a favor do casamento entre a pessoa do mesmo sexo, mas, elas respeitam quem é a favor, isso nos mostra a diversidade culturais como a realidade da Guiné-Bissau é diferente do Brasil, a cultura guineense não aceita o casamento das pessoas do mesmo sexo quando chegaram no Brasil começam a ter choque cultural por causa da realidade é por isso que todas elas tenham mesma resposta em relação a esta pergunta. Enquanto as entrevistadas em Bissau disseram que não são a favor do casamento como acentua em cima essa é a realidade que não é aceita por maior parte dos guineenses ao alegar que não faz parte da cultura guineense.

Para finalizar a nossa entrevista, perguntamos para entrevistadas se elas consideram que existem situações nas quais a mulher deve se separar do marido ou namorado as sete entrevistadas apontaram mesma situações traição e violência, enquanto que as entrevistadas, Dionalda e Juliaca, tenham opinião contrário as consideração da como aponta a entrevistada Dionalda “situação na qual eu não perdoe, ou seja, não vou perdoar o meu namorado é quando ele engravidou outra menina e ele não me falar nada sobre a situação não vou perdoar ele, mas se ele me falou no primeiro momento tudo o que aconteceu eu vou perdoar ele porque todos nós merecemos outra chance”. Enquanto a entrevistada Juliaca aponta que.

vale ressaltar que às vezes houve um motivo para o namorado bater na sua namorada como por exemplo se o seu namorado pedi para você fazer uma coisa e você recusa de fazer e fica fazendo piada com ele e vai chegar num ponto que ele vai bater em você, e existe um marido ou namorado quando ele está bêbado ele costuma pedir a mulher para fazer sexo e a mulher não consigo recusar porque ele vai bater nela, eu aprovo esse ato. (Juliaca entrevistada em Bissau. 30.06.2024).

A partir das considerações que as entrevistadas disseram no que diz respeito as situações nas quais a mulher deve se separar do marido as sete falaram que não vão tolerar traição e violência no seu relacionamento e entrevistada Dionalda, falou que se o namorado traiu ela e ele contou para ela antes de saber pela terceira pessoa ela vai perdoar a traição, e no caso da entrevistada Juliaca, falou que existe situação que no casamento que ela apoia a agressão, isso nos leva a pensar como muitas meninas tem esse pensamento de olhar a agressão do namorado ou marido como uma coisa normal, porque em muitas famílias as filhas e os filhos costumam presenciar esse ato com os pais, elas vão crescer e acharam que isso é normal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a entrevista e análise de coleta dos dados com as meninas recém chegadas da Unilab campus de malês e das meninas em Bissau, podemos fazer a comparação em relação ao casamento e divisão das tarefas domésticas, percebemos que com a chegada das estudantes no Brasil elas passam a ter outra visão sobre casamento, de olhar o casamento de outra forma onde a mulher não precisa se casar para sentir completa mas, mesmo com esse pensamento dá para notar que todas elas querem se casar enquanto algumas meninas em Bissau vê o casamento como uma obrigação por causa da cultura patriarcado, todas as meninas guineenses crescem com o pensamento do casamento em que ela vai precisar se casar para formar as suas famílias futuramente. Vale ressaltar o papel da igreja como ela influencia na sociedade de pensar que a mulher deveria estar debaixo do seu marido e a obrigação dela é de casar para ter um *status* na sociedade.

A divisão das tarefas domésticas é um aspecto fundamental de observar nas falas das entrevistadas, dá para perceber que as meninas recém chagadas no Brasil acabam mudando o pensamento sobre divisão de trabalho doméstico por acharem que tanto a mulher com o homem pode ajudar no trabalho de casa, mas a realidade de guineenses é totalmente diferente onde a mulher que é a principal responsável pelo trabalho doméstico. As meninas entrevistadas em Bissau falaram que elas se responsabilizam pelas tarefas domésticas, isso mostra que desde

criança as meninas são ensinadas a fazer os trabalhos de casa enquanto os meninos não desempenham a mesma função. Ao falar do empoderamento das meninas no contexto guineense percebe-se que muitas das vezes essas meninas ajudam nos sustentos de casa porque muitas mães incentivam a filha nesta prática por conta da dificuldade financeira, como podemos notar na fala de uma entrevistada, a situação de precariedade não conturbe de certa forma numa independência dessas meninas. Vale ressaltar que a escola não costuma abordar o termo do conceito do empoderamento feminino, submissão e igualdade de gênero, e as meninas passam a ter dificuldade de compreender esses conceitos.

Em suma, colocamos a educação como possível meio para transformação dessas meninas para que haja empoderamento feminino, ou seja, o Estado guineense deve colocar no debate sobre o empoderamento feminino nos currículos escolares uma vez que este conceito está ganhando o espaço no mundo em geral, para que as meninas tenham consciência dos seus direitos e dos seus deveres como cidadãs de lutar para sua liberdade e equidade de gênero, assim como fortalecer a atuação e participação das meninas nos lugares de destaque na sociedade.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução, Christina Baum. Livro de bolso – 18 fevereiro 2015

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.

AFF, Africano Feminista Fórum. **Carta de Principios Feministas para as Feministas Africanas**. African Women's Development Fund, AWDF.2006

ASSEMBLEIA NACIONAL POPULAR. Constituição da República da Guiné-Bissau, Bissau, 1996.

AZEVEDO. Mileane Andrade. SOUSA. Luciano Dias. **Empoderamento como representatividade das mulheres na sociedade**. Empowerment as women's representativity in Society. | v. 5 n. 1 | p. 170-178 | Jan.- Jun. 2019.

BAMISILE, Sunday Adetunji. **A procura de uma ideologia afro-cêntrica: do feminismo ao afro-feminismo**. Via Atlântica, são Paulo, n. 24, 257-279, dez/2013.

BAKARE-YUSUF, Bibi. Além do determinismo: A fenomenologia da existência feminina Africana. Tradução para uso didático de BAKARE-YUSUF, Bibi. Beyond Determinism: The Phenomenology of African Female Existence. Feminist África, Issue 2, 2003, por Aline Matos da Rocha e Emival Ramos.

BUTLER, Judith. **Atos Feministas, Conceitos Fundamentais. Pensamento feminista: conceitos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista.** Pensamentos fundamentais / Audre Lorde... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 440 p.

CARVALHO, Ricardo Ossagô. TUBENTO, Medilanda Eliseu Amós. **Matriarcado africano: uma análise nos escritos dos feminismos.** Tensões Mundiais, Fortaleza, v. 17, n. 33, p. 305-328, 2021

COLLINS, Patricia Hill. **O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso.** cadernos pagu (51), 2017:e175118

CRUZ, Maria Helena Santana. **Empoderamento das Mulheres.** Inc.Soc., Brasília, DF, v.11 n.2, p.101-114, jan./jun. 2018

DOVE, Nah. **Mulherisma Africana¹ Uma Teoria Afrocêntrica.** Jornal de Estudos Negros, Vol. 28, Nº 5, maio de 1998 515-539 © 1998 Sage Publications Inc.

FALA DI MINDJER. **Além da pressão social e das barreiras institucionais: o papel das mulheres nas esferas de tomada de decisão na Guiné-Bissau.** Voz di Paz, Bairro do Enterramento, 2018.

GARCIA, Agnaldo; MACIEL, Mariana Grassi. **A influência da religião na busca do futuro cômputo: um estudo preliminar em comunidades evangélicas.** Psicologia: Teoria e Prática – 2008, 10(1):95-112

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

HOPFFER, Carla Frederico. **O Impacto dos Feminismos na Educação em Guiné-Bissau.** 2021

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. Retirado e traduzido de “I Am Your Sister - Collected and Unpublished Writings of Audre Lorde”, Oxford University Press, 2009.

MARTINS, Rosiani Sanca. **Participação das mulheres guineenses no mercado informal e suas contribuições para o crescimento da economia do país.** 2022.

MAIA, Synthya Rayanne de Lima. **Mulherismo Africana e o corpo negro que o feminismo não consegue abraçar.** 2023

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa elaboração, aplicação e análise de conteúdo.** Manual Didática. Pedro & João Editores www.pedroejoaoeditores.com.br 13568-878 - São Carlos – SP 2020.

MOREIRA, Joacine Katar. **A Cultura di Matchundadi na Guiné-Bissau: Género, Violências e Instabilidade Política.** Escola de Sociologia e Políticas Públicas. 2017

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké, **conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas.** CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

SANTOS, Flávia da Silva; SANTOS, Sabrina Avelar; VERÍSSIMO, Verônica Raimunda Gonçalves; DA SILVA Welbert Moraes. **Empoderamento Feminino: Considerações sobre o Coletivo e o Particular**. BETIM, 2023.

SARDENBERG. Cecília M.B. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. NEIM/UFBA, em Salvador, Bahia, de 5-10 de junho de 2006.

TELO, Florita Cuhanga António. **O Pensamento Feminista Africano e a Carta Dos Princípios Feministas para as Feministas Africanas**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.